



**SOBRE O QUEER PODEMOS PESQUISAR EM CURRÍCULO E EDUCAÇÃO?  
NOTAS SOBRE EXPANSÕES, OBSTÁCULOS E IMAGINAÇÕES**

**¿SOBRE QUEER PODEMOS INVESTIGAR EN CURRÍCULO Y EDUCACIÓN?  
NOTAS SOBRE EXPANSIONES, OBSTÁCULOS E IMAGINACIONES**

***ABOUT QUEER: WHAT CAN WE RESEARCH IN CURRICULUM AND EDUCATION?  
NOTES ON EXPANSIONS, OBSTACLES AND IMAGINATIONS***



Danilo Araujo de OLIVEIRA<sup>1</sup>  
e-mail: oliveira.danilo@ufma.br



Anderson FERRARI<sup>2</sup>  
e-mail: anderson.ferrari@ufjf.br



Marcos Lopes de SOUZA<sup>3</sup>  
e-mail: markuslopesouza@gmail.com



Paula Regina Costa RIBEIRO<sup>4</sup>  
e-mail: priribeiro.furg@gmail.com

**Como referenciar este artigo:**

OLIVEIRA, Danilo Araujo de; FERRARI, Anderson. SOUZA, Marcos Lopes de; RIBEIRO, Paula Regina Costa Sobre o queer podemos pesquisar em currículo e educação? Notas sobre expansões, obstáculos e imaginações. **Doxa: Rev. Bras. Psico. e Educ.**, Araraquara, v. 24, n. esp. 1, e023011, 2023. e-ISSN: 2594-8385. DOI: <https://doi.org/10.30715/doxa.v24iesp.1.18178>



| Submetido em: 15/02/2023

| Revisões requeridas em: 22/04/2023

| Aprovado em: 11/06/2023

| Publicado em: 01/08/2023

**Editor:** Prof. Dr. Paulo Rennes Marçal Ribeiro

**Editor Adjunto Executivo:** Prof. Dr. José Anderson Santos Cruz

<sup>1</sup> Universidade Federal do Maranhão (UFMA), São Luís – MA – Brasil. Professor Adjunto. Doutorado em Educação (UFMG).

<sup>2</sup> Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), Juiz de Fora – MA – Brasil. Professor Associado. Doutorado em Educação (UNICAMP). Pós-Doutorado (UB-Espanha).

<sup>3</sup> Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Jequié – BA – Brasil. Professor Titular do Departamento de Ciências Biológicas (DCB). Doutorado em Educação (UFSCAR). Pós-doutorado (UFJF).

<sup>4</sup> Universidade Federal do Rio Grande (FURG), Rio Grande – RS – Brasil. Professora Titular do Instituto de Educação e professora do Programa de Pós-Graduação: Educação em Ciências. Doutorado em Ciências Biológicas (UFRGS). Pós-doutorado (ESEC-Portugal).

**RESUMO:** Esse artigo pensa e discute as expansões, os obstáculos e as imaginações da teoria queer no presente para problematizar sobre o que podemos pesquisar em currículo e educação no Brasil. Consideramos que o *queer*, como analítica da normalização, seja uma ferramenta de que não podemos abrir mão para pensar os efeitos das normas nas vidas de muitas pessoas que demandam ainda mais expansões em territórios, sejam físicos e/ou conceituais; defendemos que há, ainda, obstáculos em pesquisar algumas temáticas queer desde a educação e o currículo, porque algumas áreas são legitimadas para tal; concordamos que há imaginações porvir que tensionem, ampliem e possam nos fazer pensar o mundo para além das normas e que se fabule a existência em seu sentido amplo.

**PALAVRAS-CHAVE:** Queer. Currículo. Educação. Pesquisa.

**RESUMEN:** *Este artículo reflexiona y discute las expansiones, los obstáculos y las imaginaciones de la teoría queer en el presente para problematizar lo queer que podemos investigar en el currículo y la educación en Brasil. Consideramos que lo queer, como analítica de la normalización, es una herramienta a la que no podemos renunciar para pensar los efectos de las normas en la vida de muchas personas que exigen aún más expansiones en muchos territorios, ya sean físicos y/o conceptuales; argumentamos que aún existen obstáculos para investigar algunos temas queer desde la educación y el currículo porque algunas áreas están legitimadas para hacerlo; coincidimos en que aún quedan imaginaciones por venir que se tensionan, expanden y pueden hacernos pensar en el mundo más allá de las normas y que la existencia es fabulosa en su sentido más amplio.*

**PALABRAS CLAVE:** *Queer. Plan de estudios. Educación. Buscar.*

**ABSTRACT:** *This article thinks about and discusses the expansions, obstacles and imaginations of queer theory in the present to problematize what queer we can research in curriculum and education in Brazil. We consider that queer, as an analytic of normalization, is a tool that we cannot give up to think about the effects of norms in the lives of many people that demand even more expansions in many territories, whether physical and/or conceptual; we argue that there are still obstacles in researching some queer themes from education and the curriculum because some areas are legitimized to do so; we agree that there are still imaginations to come that tension, expand and can make us think of the world beyond the norms and that existence is fabled in its broadest sense.*

**KEYWORDS:** *Queer. Curriculum. Education. Search.*

---

## Introdução

Há algum tempo, temos percebido uma mudança nas nossas turmas de graduação. Trabalhando em universidades públicas que constroem e defendem as políticas públicas de ingresso e permanência de grupos sociais historicamente marginalizados, temos notado a chegada de pessoas que, com seus corpos e seus pertencimentos, tensionam o currículo e a educação. Tensionam a Universidade de forma geral. Pessoas que se identificam como pertencentes a comunidade LGBTQIA+ (lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transgêneras, queer, intersexual, assexual e demais grupos minoritários de gênero e sexualidade), que se colocam a partir desse pertencimento, que questionam os saberes e as relações de poder e que propõem outras formas de conhecer, de pesquisar, de ensinar e de aprender. Elas são a condição de possibilidade do que estamos chamando de expansões. No plural. Elas dizem de expansões.

Uma dessas expansões diz respeito às relações entre a educação escolarizada e a universidade. Vagner Prado e Helena Altmann (2023), ao analisarem os processos de acesso e permanência de pessoas LGBTQIA+ no ensino superior, chamam atenção para uma engrenagem que se inicia na escola. O autor e a autora reconhecem que a escola ainda é um espaço que institui preconceitos, discriminações e violências. Essas práticas expulsam as pessoas LGBTQIA+ dos bancos escolares e, assim, impossibilitam o ingresso no ensino superior.

No entanto, também há o reconhecimento<sup>5</sup> que esse quadro tem se alterado e possibilitado a entrada desses/as estudantes nas Universidades, evidenciando outros desafios, tais como a permanência e a conclusão do curso, além do ingresso nos programas de pós-graduação.

A expansão, neste caso, não diz somente da presença física de corpos que embaralham e colocam sob suspeita as construções dos gêneros e das sexualidades, mas também que introduzem novas temáticas, perspectivas teóricas e relações de poder-saber que têm levado a uma revisão curricular e de políticas, uma inovação na pesquisa e, principalmente, a produção e a relação crítica com o saber. Essas pessoas e seus engajamentos existenciais, políticos e acadêmicos nos convidam a “produzir um deslocamento no pensamento curricular desde – e não para – nossas marcas de gênero e sexualidade” (RANNIERY, 2022, p. 32).

---

<sup>5</sup> Até o ano de 2022, foram mapeadas 25 universidades federais brasileiras com cotas para alunos trans, seja na graduação ou na pós-graduação.

Adentrar a universidade e transformá-la por dentro também é uma estratégia política de subverter os saberes canônicos que se constituíram por meio de um pensamento eurocentrado, androcêntrico e LGBTTQIA+fóbico que, muitas vezes, desconsideraram os saberes insubordinados, construídos pelos(as) nossos(as), os(as) das margens, os(as) lidos como não intelectuais. Por isso, a entrada e permanência das(os) LGBTTQIA+ nas universidades, não só como discentes, mas também docentes, é provocar essa produção de saber e garantir o nosso protagonismo, para além do que já foi falado de nós, sem nós (JESUS, 2016).

Podemos supor que essa ampliação da presença de pessoas LGBTTQIA+, tanto nas escolas quanto nas universidades, antecede as políticas de cotas. Ela é um efeito de um movimento iniciado na redemocratização, intitulado naquela ocasião de movimento gay, e que vai investir na desconstrução das imagens negativas da diversidade sexual, assim como construir imagens mais positivas, que envolviam a discussão no campo da educação. Em outros trabalhos (FERRARI, 2004; OLIVEIRA; FERRARI, 2021), já tivemos a oportunidade de discutir o investimento dos movimentos sociais e de políticas públicas advindas de suas lutas, o que tem implicado o campo da educação. Essas organizações e ações têm expandido as discussões em torno do currículo e da educação e tem causado obstáculos como reação.

Em março deste ano, mês que se comemora o dia internacional da mulher, o deputado federal Nikolas Ferreira (PL-MG) usou uma peruca loira para atacar a comunidade LGBTTQIA+. Longe de ser uma reação isolada, essa atitude pode ser entendida como uma estratégia recorrente entre parlamentares como forma de mobilizar a militância conservadora, principalmente nas redes sociais, e atacar os avanços da comunidade. Em reportagem no mesmo mês, o jornal O Globo identificou 68 propostas em tramitação no Congresso, nos estados e nos municípios brasileiros com o propósito de atacar e diminuir direitos, reproduzindo preconceitos e intolerâncias (MARZULLO; COUTO; RIOS, 2023). Obstáculos que buscam frear as expansões e conquistas da comunidade LGBTTQIA+, estabelecendo um cenário de disputa e enfrentamentos que nos convida a imaginações e invenções. Expansões, obstáculos e imaginações são parte de um mesmo jogo. O jogo do saber-poder identificado por Michel Foucault (2015) como uma relação que tem efeitos de verdade.

Nossa intenção com o desenho desse campo problemático atual em torno das questões de gênero, sexualidade e educação não é ficar na constatação, mas sim, propor resistências inventivas no campo do currículo. Trazer algumas dessas resistências inventivas para pensar seus desafios e potencialidades para o currículo a partir da teoria *queer*. Isso porque há

necessidade de pensar e problematizar essas experiências como provocação: o *queer* podemos pesquisar em Currículo e Educação?

Buscando o que seria a origem da teoria *queer*, Richard Miskolci (2015) nos lembra que o “*queer* é um xingamento, é um palavrão em inglês” (MISKOLCI, 2015, p. 24). Mais do que isso, o *queer* está ligado à ideia de abjeção, como “espaço a que a coletividade costuma relegar aqueles e aquelas que considera uma ameaça ao seu bom funcionamento, à ordem social e política” (MISKOLCI, 2015, p. 24).

Com isso, o autor afirma que o *queer* não é uma defesa da homossexualidade. Ele é uma reação, uma resistência, uma recusa dos valores morais e das violências que instituem o abjeto e que nos fazem questionar as fronteiras entre o que é considerado aceitável e o que é relegado a humilhação. Em uma entrevista com Butler, ela ressalta que o abjeto “[...] não se restringe de modo algum a sexo e heteronormatividade. Relaciona-se a todo tipo de corpos cujas vidas não são consideradas ‘vidas’ e cuja materialidade é entendida como ‘não importante’” (PRINS; MEIJER, 2002, p. 161). Como teoria, o *queer* é marcado pela crítica à heteronormatividade e pelo questionamento aos cânones acadêmicos. Nosso argumento, portanto, é que o *queer* provoca o currículo na medida que institui novas formas de pensar e produzir pesquisas e sujeitos.

Para desenvolver esse argumento, organizamos esse artigo em duas seções. Na primeira – Ampliando os sentidos de educação e currículo – vamos defender que esses movimentos de expansão e obstáculos têm contribuído para que possamos trabalhar com outros entendimentos de educação e currículo para além do que ocorre na escola. Na segunda – Imaginando e inventando sujeito *queer* – vamos problematizar as pesquisas e suas contribuições para um currículo.

### **Ampliando os sentidos de educação e currículo**

As teorias pós-críticas trouxeram, para os campos da educação e do currículo, mudanças significativas proporcionadas, sobretudo, pela problematização e ampliação dos conceitos que constituem esses campos. O conceito de educação deixou de ser entendido como restritamente vinculado aos processos que se desencadeiam na e pela escola ou em espaços educativos formais ou institucionalizados. Currículo, por sua vez, não é compreendido somente como um conjunto de disciplinas acadêmicas ou escolares ou mesmo como um programa instituído com um objetivo a seguir para formar um grupo de alunos/as.

Com inspiração em Michel Foucault, o conceito de educação passa a contemplar práticas variadas “nas quais se produzem ou se transformam as experiências que as pessoas têm de si mesmas” (LARROSA, 1994, p. 35). Assim, ao observar essas práticas, “o importante não é que se aprenda algo ‘exterior’, um corpo de conhecimentos, mas que se elabore ou reelabore alguma forma de relação reflexiva do[a] ‘educando’[a] consigo mesmo[a]” (LARROSA, 1994, p. 34). Em outras palavras, o conceito de educação passa a ser imbricado com a perspectiva foucaultiana dos processos de subjetivação, isto é, com as diversas formas através das quais os indivíduos se transformam em sujeitos. Educação é, portanto, uma prática discursiva com o objetivo de “produzir e mediar certas ‘formas de subjetivação’” (LARROSA, 1994, p. 51).

De modo similar, considerando esses aspectos, o conceito de currículo “passa a ser visto em sua relação com a cultura” (PARAÍSO, 2010, p. 33). O currículo é, assim, entendido como uma “prática cultural que divulga e produz significados sobre o mundo e as coisas do mundo” (PARAÍSO, 2010, p. 33). Esses significados se constituem em conhecimentos a serem ensinados que incidem na fabricação de sujeitos. O currículo, pois, não é visto apenas na escola e nas salas de aula, mas materializando-se nas “bibliotecas, nos museus, nas propostas político pedagógicas, nas diferentes formações, na pesquisa educacional, na internet, nos jogos, nas brincadeiras, na mídia, no cinema, na música, na cultura, no cotidiano.” (PARAÍSO, 2010, p. 37).

O alargamento dos conceitos de educação e currículo ampliou também as possibilidades de pesquisas no campo curricular, criando diferentes tessituras. Diversas pesquisas têm sido feitas a partir das compreensões então empreendidas. No que se refere aos imbricamentos, conexões e fricções da teoria *queer* com esses campos, podemos dizer que eles são variados. Uma rápida pesquisa utilizando como palavras-chave “queer” e “educação” na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações, no ano de 2023, apontam 1.089 resultados para busca; para “queer” e “currículo” encontram-se 307 resultados. Poderíamos citar aqui ainda os múltiplos eventos e dossiês em periódicos variados que fazem as articulações entre teoria *queer*, educação e currículo.

Com o propósito de cartografar os efeitos das teorizações *queer* para a construção do conhecimento no campo das pesquisas em gênero, sexualidade e educação no Brasil, Couto Junior e Pocahy (2017) perceberam o propósito de muitas(os) pesquisadoras(es) em descolonizar o *queer*, (re)inventando-o, conforme o contexto brasileiro. Esses autores identificaram (re)leituras da teoria *queer* que respingam na educação, tais como,

embichamento do currículo, currículo *queer*, via(da)gens *queer*, pedagogia *queer*, pesquisa-aquedação, criança transviada, envidescer e entre outras, reconhecendo a potência dessas epistemologias como perspectivas abertas, incertas, conflituosas e passíveis de serem recriadas, conforme o contexto específico. Couto Junior e Pocahy (2017) também perceberam o desejo dessas(es) pesquisadoras(as) em contestar as pedagogias dos corpos, gêneros e sexualidades pautadas no pensamento cisheteronormativo.

De todo modo, se falávamos nas possibilidades de alargamento que a ampliação do conceito de currículo e educação provocou para que se amplie as possibilidades de pesquisa, se mobilizado a teoria *queer*, as conquistas de territórios investigativos podem ter conquistado êxitos variados. Isso porque somando ao fato de que “os estudos *queer* ofereceram significativas contribuições aos estudos de gênero” (COLLING, 2016, p. 13), podemos dizer que o estranho, o ridículo, o excêntrico, o raro e o extraordinário puderam ser pensados, problematizados e discutidos como temas de pesquisa. Mas se isso parece, de algum modo, ser positivo para que possamos ver muitos problemas e temas de pesquisa desde o campo educacional e curricular, parece-nos que permanece a necessidade de mobilizar discussões sobre nossa escala de valorização das diversas pesquisas que são desenvolvidas nesses campos.

Enquanto algumas parecem ser sérias e comprometidas, outras são objetos de desvalorização, olhadas talvez com certa desconfiança dentro do próprio meio acadêmico, no qual deveríamos quem sabe nos questionarmos sobre o entendimento de ciência que, tradicionalmente, aponta para a produção de um conhecimento neutro, descorporificado, sendo esse conhecimento científico gerido pelo mérito, representado por um sistema androcêntrico, heterossexual, branco. Já que em ampla sociedade temos manifestações de escárnio a partir de alguns títulos de dissertações e teses que circulam na internet.

A título de exemplificação, ou mesmo como mote, queremos mobilizar o tema da prática sexual *bareback*, ainda pouco explorado no campo educacional e curricular. Trata-se da prática sexual intencional, própria de homens que têm relações sexuais com outros homens<sup>6</sup> (HSH), de não usar preservativos durante o sexo com parceiros ocasionais e/ou anônimos, constituindo-se como uma prática de premeditação e erotização do sexo anal sem camisinha (DEAN, 2009; HAIG, 2006). Essa prática tem despertado interesses de campos variados.

---

<sup>6</sup> Esse termo será utilizado aqui, uma vez que “alguns homens casados [com mulheres] e outros homens ostensivamente heterossexuais participam regularmente de atividades eróticas casuais com o mesmo sexo sem se considerarem gays” (DEAN, 2009, p. 11), assim como ocorre com a prática *bareback*.

Observa-se que, de modo geral, as pesquisas se vinculavam entre si, pois foram desenvolvidas nos campos de saúde, medicina e psicologia (FELBERG, 2011; PAULA, 2009; AMARAL, 2014; SANTOS, 2018; ALMEIDA JUNIOR, 2017; SILVA, 2008). No campo da educação, muito menos no campo curricular, não foram localizadas pesquisas sobre a prática *bareback* até o ano de 2021<sup>7</sup>. Pensamos que o fato de as primeiras pesquisas no Brasil sobre a prática estarem inscritas nesses campos de pesquisa é um efeito discursivo do “tratamento médico e forense da homossexualidade” (HALPERIN, 2007, p. 2).

Não podemos esquecer que, por mais de um século, “a psicologia e a psicanálise forneceram os principais meios de acesso à verdade imaginada da subjetividade humana” (HALPERIN, 2007, p. 2). Conforme defende Halperin (2007), ao fazer essas reflexões, não se trata de refutar ou rejeitar os discursos psi e médicos, tampouco condená-los ou demonizá-los, até porque, no interior desses discursos, há afirmações de que a própria subjetividade é um local potencial de resistência política. Trata-se, ademais, de uma forma de problematizar “o estilo de pensamento que entende a pessoa em termos de interioridade individual e julga a vida subjetiva de acordo com um padrão normativo de funcionamento saudável” (HALPERIN, 2007, p. 9).

Provocados pelo fato de haver pesquisas apenas no campo da saúde, medicina e psicologia, ampliamos a busca de modo a incorporar também artigos científicos. Localizamos, realizando buscas no site *Google Acadêmico*<sup>8</sup>, inicialmente apenas um artigo em português<sup>9</sup> que discute o *bareback* em articulação com educação. Algo que nos aproxima, pois, de uma proposição levantada por Greteman (2019, p. 242) de que “o assunto de *barebacking* nos discursos educacionais é limitado, mas está emergindo no trabalho contínuo de atualização de nossas educações sexuais”. Desse modo, o autor instiga pesquisadores e pesquisadoras em educação a problematizar “com cuidado as práticas perversas que surgem e os desafios de ser considerado um sujeito ‘perverso’ que perturba os entendimentos produtivos e reprodutivos de se tornar um sujeito” (GRETEMAN, 2019, p. 244, tradução nossa).

O autor ainda ressalta que, à medida que as condições mudaram em torno de “hiv/aids, educação sexual e inclusão de (alguns) *queers* no currículo”, a prática *bareback* e seus praticantes podem fornecer “maneiras de investigar a estranheza que atrapalham a concepção

<sup>7</sup> As reflexões feitas aqui, portanto, não considera a tese produzida no campo educacional e curricular em 2021 e os artigos dela provenientes. Para consultar a tese ver: Oliveira (2021).

<sup>8</sup> Optamos por realizar a busca nesse site porque ele abarca uma diversidade de sites, inclusive internacionais, o que nos possibilitou localizar esse texto em inglês. Disponível em: [www.scholargoogle.com.br](http://www.scholargoogle.com.br). Acesso em: 27 dez. 2020.

<sup>9</sup> O texto é do autor Santos (2004).

de vida humana imaginada pelos discursos educacionais para envolver os não-humanos e seu impacto na maneira como os sujeitos passam a ser vistos, reconhecidos e compreendidos” (GRETEMAN, 2019, p. 244). Outro autor ressalta que “os problemas [da prática *bareback*] levantados excedem os da prevenção do HIV e da história da identidade masculina gay” (DEAN, 2009, p. 3, tradução nossa).

Ao inscrever e problematizar essa prática sob a perspectiva curricular pós-crítica, enfrenta-se os desafios e as lacunas então postos pela ausência de pesquisas no campo educacional e do currículo, ao mesmo tempo, pela série de problemas que excedem os temas citados por Dean (2009). Evidentemente, esse artigo não preenche totalmente essa lacuna, tampouco dá conta de todos os problemas levantados pelo autor, mas é um passo importante em reivindicar, para o campo curricular, problematizações sobre os modos de produção de verdade e constituição de sujeito que se dão a partir do discurso *bareback*.

Entendemos, pois, que as problematizações que buscamos fazer neste artigo são “menos uma questão de chegar com novas teorias de sexualidade do que mobilizar possibilidades *queer* de imaginar e representar a vida subjetiva sexual” (HALPERIN, 2007, p. 9). Queremos problematizar os regimes de verdade que impõem o que pode ser dito e pensado e quem é autorizado/a a falar sobre certos temas. Assim, falar da prática *bareback* no campo da educação e do currículo diz de um esforço para procurar “outras maneiras de poder falar sobre nós mesmos, sobre nossas experiências, sobre nossas emoções e, em particular, sobre a vida subjetiva do sexo e da sexualidade” (HALPERIN, 2007, p. 10).

Em um texto mais recente, Greteman (2019) incrementa seu pensamento sobre as questões levantadas no parágrafo anterior. Ele explora sobre o que se pode aprender sobre medicina, tecnologia e educação em saúde com a prática *bareback*. “Em uma era de profilaxia pré-exposição e as contínuas lutas que as pessoas que vivem com HIV/AIDS enfrentam globalmente, como a educação luta e avança com os novos conhecimentos sobre práticas sexuais e assuntos sexuais?”<sup>10</sup> (GRETEMAN, 2019, p. 213). De algum modo, o autor nos instiga a ampliar nossas análises e pesquisas no campo educacional sobre as práticas e assuntos sexuais, considerando os avanços políticos, médicos e científicos que estão acontecendo, assim como os próprios desafios que práticas e assuntos sexuais emergentes podem colocar para a educação. Ressalta, ainda, os deslocamentos que a prática *bareback* tem operado no campo educacional, pois “desorienta a educação sexual estabelecida centrada na segurança e na mitigação de risco.” (GRETEMAN, 2019, p. 237). Todavia, ao fazer essas

---

<sup>10</sup> Original em inglês.

problematizações, ainda ressalta que “é menos uma questão de aprovar ou desaprovar determinadas práticas sexuais” (GRETEMAN, 2019, p. 238, tradução minha). Trata-se mais de um exercício de problematização, conforme nos ensinou Foucault (2017, p. 225), isto é, “tomar distância em relação a essa maneira de fazer ou de reagir, e tomá-la [a conduta] como objeto de pensamento e interrogá-la sobre seu sentido, suas condições e seus fins”.

### **Imaginando e inventando (com) sujeitos queer**

Na seção anterior, direcionamos nossas problematizações para afirmar que os processos de subjetivação são potências de resistências políticas. Os sujeitos vão introduzindo invenções com suas existências, mesmo em momentos políticos de enfrentamento. Esses sujeitos e suas existências inventivas chegam e estão nas universidades, de tal forma, que a questão que nos parece interessante é como essas existências podem ser potencializadas quando pensamos na relação entre currículo, gênero e sexualidade nos contextos de saber, de pesquisa e de formação?

Iniciamos o artigo dizendo que temos percebido esse movimento nas nossas salas de aula. Esse ano, na disciplina de estágio em ensino de história, chegou uma pessoa que embaralhava os gêneros. De estatura baixa, trazia no rosto as marcas do feminino: olhos delineados com lápis de olho, sombra colorida e alongamento de cílios. O rosto sem pelos demonstrava o cuidado com a maquiagem. Nos lábios, um batom leve, nada exagerado, mas que contribuía para compor a informação de um rosto feminino. As unhas estavam sempre pintadas. As roupas variavam, sendo que em alguns dias vestia uma saia com uma meia calça por baixo, em outros uma blusa feminina por cima de uma segunda pele. O nome, mantinha masculino. Uma pessoa que chamava atenção por essa inventividade e por um corpo móvel e aberto.

Ele era a representação da construção dos gêneros. Ao pensar a construção dos gêneros, Louro (2008) vai defender que há um trabalho “pedagógico contínuo, repetitivo e interminável” que é posto em ação nos corpos. Mas isso não significa um processo sempre consciente ou realizado ao acaso e muito menos ao sabor de uma vontade. Mesmo agindo de forma ativa nessas construções, os sujeitos não estão livres de constrangimentos, uma vez que é a cisheteronormatividade que informa sobre os padrões que devem ser seguidos, assim como guarda as possibilidades das resistências e transgressões inventivas. O nosso aluno é uma demonstração de que há corpos que se conformam as regras de gênero e sexualidade,

assim como os que as subvertem. Durante muito tempo, as questões de gênero pensavam em apenas dois gêneros como possibilidades antagônicas e autoritárias. Como se houvesse uma fronteira, em que cada gênero ocupasse um lado dela. Mais recentemente, as pesquisas e os sujeitos vêm demonstrando que essa fronteira não é rígida, que ela pode ser transposta e que também pode ser ocupada. Ocupar a fronteira também é uma alternativa.

A presença de corpos que habitam a fronteira provocava o pensamento. Em se tratando de um corpo numa disciplina de estágio, que pressupunha a ida à escola, ele trazia questões para a disciplina, a Universidade e o currículo. Trata-se de um corpo “outro”, que ao mesmo tempo que dialoga com o normativo, rompe com ele. Contudo, é um corpo que está inserido em contextos normativos, tais como a universidade e a escola. Neste sentido, Thiago Ranniery (2022, p. 30) nos ajuda a pensar quando afirma que “esses “outros” estão inseridos em contextos substancialmente normativos, estão englobados em um cenário que encapsula os poderes do horror na abjeção, os explica, quando não, os toma como sujeitos do espetáculo”.

Estou, portanto, defendendo um interesse em saber o que esses declarados “outros” – talvez, porque tenhamos crescido sendo esses “outros” – fazem ao conceito de currículo ao colocarem “a alteridade como existindo em um campo relacional para o self” (MUÑOZ, 2006: 187), o que fazem as imagens de pensamento de currículo que carregamos conosco e a conceitos que nos são tão caros, do que em saber como as normas os fazem ou o que as normas fazem com eles e conosco (RANNIERY, 2022, p. 32).

O que as normas fazem conosco? O que fazem com os “outros”? E como isso diz das imagens de currículo que temos levado às escolas? A disciplina de estágio é, talvez, aquela que mais faz a ligação entre os saberes produzidos na Universidade e a escola. Os estagiários e as estagiárias têm um duplo trabalho. Por um lado, pensar como o conhecimento produzido se reverte em conhecimento ensinado, habitam os currículos de formação e como chegam nas escolas. São eles e elas que constroem pontes entre Universidade e escolas. Por outro lado, são eles e elas que trazem às escolas para dentro da Universidade e tensionam os saberes a partir de uma realidade que se altera constantemente, sobretudo no que diz respeito às relações de gênero e sexualidade. Modificações que questionam o currículo.

O aluno que embaralha os gêneros iria para a escola. Ele foi. O rosto não estava maquiado, tampouco vestia saia. As unhas pintadas eram a única lembrança daquele corpo que habitava a sala de aula na Universidade. De um corpo que embaralhava os gêneros, surgiu um masculino normatizado. Uma transformação que nos faz pensar na pergunta formulada por Thiago Ranniery (2022, p. 33). “Diferentes circuitos e paisagens curriculares não teriam exatamente esse potencial de empurrar as conversas complicadas, lembra Pinar (2016), da

teoria de currículo com a teoria queer em direções surpreendentes por que perturbam a imagem tida como certa de currículo?” A presença daquele corpo desmontado ou montado no masculino nos fez pensar que ele ainda não conseguia se ver de outra forma no mundo.

Explorando a ideia do “ainda-não” e sua relação com a imaginação política *queer*, Thiago Ranniery (2022), vai defender uma necessidade de um pouco de possível para não sufocar. Neste sentido, o *queer* poderia representar um desejo, uma vontade, um construto, uma ruptura na produção de sentidos e significados. É um investimento em outras formas de ser e estar no mundo, um movimento de resistência às ordens e, assim, acolher o que não é suficiente.

### Depois dos obstáculos, mais obstáculos e algumas imaginações mais

As notas aqui em desordem enunciam, de alguma forma, mais inquietações e desejos de um porvir que ainda não podemos definir ao certo. Partimos, portanto, das presenças *queer* e dos corpos e desejos dissidentes nas universidades para dizer que eles não se conformam aos saberes hegemônicos, pois esses saberes excluem e deslegitimam suas vidas e, por isso mesmo, demandam a produção, profusão e espraiamento de saberes outros, que mobilizem perspectivas sobre processos de subjetivação que emergem da resistência e saberes que afirmem as vidas dissidentes como possíveis de serem vividas.

Assim, os esforços e investimentos teóricos e metodológicos nas universidades, nos últimos anos, que atendem pelo nome de teoria *queer*, estão imbricados com esses corpos e vidas, e um depende do outro para ganhar proeminência, visibilidade, reconhecimento, como diria Butler (2018).

A teoria *queer* é uma teoria corporificada, que pulsa e vive nos corpos dissidentes e não aderente às muitas normas que nos foram designadas. Normas que não dizem somente a performatividade dos corpos, dos gêneros e das sexualidades, mas também a performatividade da produção do conhecimento, dos saberes, da academia que imaginamos para adiar o suposto fim do mundo planejado para as universidades quando a falta de financiamento para as pesquisas com esses temas, deslegitimando-os (PARÁISO, 2019) tornam-se uma constante em nosso cotidiano.

Portanto, falar sobre como as normas de gênero continuam sendo produzidas e, ao mesmo tempo, como as resistências explodem, burlam, perfuram os espaços normativos nos parece necessário diante de tantos retrocessos sobre nossos estudos. Trata-se aqui como nos

chamou atenção Paraíso (2019) de uma disputa sobre o que é conhecimento, e também de talvez tentar convencer acerca do básico já tão discutido por nós.

Concomitante com esse trabalho, há outras disputas em nossos campos do conhecimento que precisam ser igualmente travadas. A primeira é essa que anteriormente falávamos de ampliar sobre o que podemos pesquisar a partir da perspectiva *queer* nos campos da educação e do currículo? *Queerizar* o currículo e educação demanda um certo posicionamento de ousadia para reclamar para nós ampliação de temáticas que são historicamente designadas como de outros campos. Campos esses que podem ser legitimados por produzirem exatamente uma perspectiva normalizadora dos corpos, dos desejos e da vida. Impedindo, assim, que se pense outras perspectivas e modos de pesquisar e problematizar os objetos.

Por fim, há ainda que se considerar as provocações lançadas pelo Ranniery (2022, p. 33):

Que *queer* pode ser reconhecido através dos currículos? Que *queeridade* emerge dos currículos? E se não for, ou não somente for, sinônimo de corpo estranho, como evocado por Louro (2004) e depender da deriva que Louro (2010) em outro texto, da quebra, de um rumor delicado, de um barulho ou de som ao redor? E se nem mesmo se deixar se circunscrever neste estranho abjeto e evocar mais uma desorientação, um barulho ou uma perturbação, um delicado ou tênue, mas murmurante movimento?

As problematizações lançadas pelo autor são apresentadas em formato de inquietações que são mais tomadas como um amontoado de notas. Justapostas às nossas aqui. Queremos, assim, trazê-las para adensar à nossa pergunta principal: Sobre o *queer* podemos pesquisar em Currículo e Educação?

No que se refere à relação entre currículo, gênero e sexualidade, pode-se, segundo o autor, agrupar as pesquisas em dois lados: aquelas que compreendem o *queer* como crítica da normalização (MISKOLCI, 2009) e aquelas que fazem uma adesão, por vezes, celebratória às experiências de transgressão, subversão e insurgência de gênero e sexualidade. Esse modo de funcionamento das investigações no campo curricular parece não corroborar para “converter currículo em outro nome para normatividade, poder, hegemonia ou território de disputa” (MISKOLCI, 2009, p. 31). As problematizações vão em direção de querer pensar, inspirado em Miller (2014), experiências educacionais bagunçadas, imprevisíveis, imensuráveis, impossíveis de conter, parcialmente incoerentes, impossíveis de ser inteiramente conhecidas.

Do contrário, corremos o risco de estarmos diante de uma “ossificação imaginativa do que currículo poderia ser” (RANNIERY, 2022, p. 31), dada também pelo que ele chama de insistência em tomar os outros como objeto de estudo. Isso parece não dar descanso aos corpos que ora são criados pelas normas ora sucumbem a elas. O que nos faz querer “encontrar objetos *queer* saltando diante das normas e de ceder a expropriação extrativista da diferença” (RANNIERY, 2022, p. 31). Por isso, o autor pergunta sobre o que pode fazer as imagens de pensamento de currículo que carregamos conosco e a conceitos que tanto valorizamos se não quiser saber como as normas os fazem ou que as normas fazem como eles (os outros) e conosco.

Expandindo seu pensamento, Ranniery pensa o *queer* de outros modos próximos, vejamos:

[...] *queer* importa como um movimento de torção transversal, uma plataforma de imaginação para turbilhonar a teorização curricular porque importa a geração de histórias cacofônicas, delicadamente barulhentas e bagunçadas, que afetam aquilo que conceituamos por currículo (RANNIERY, 2022, p. 34).

*Queer* trata menos de uma analítica da normatividade levada à cabo pelos currículos do que uma rica plataforma de fabulação de imagens e discursos, conceitos e sínteses heterogêneas e que, não raras as vezes, nossa ocupação com a ‘vida’ tende a ignorar solenemente (RANNIERY, 2022, p. 38).

Pensar o *queer* desta maneira envolve, segundo ele, “perturbar a teoria para que se livre de imagens conceituais legadas, quer pela sociologia do conhecimento escolar, quer mesmo pela virada cultural” (RANNIERY, 2022, p. 32). Como se livrar das gramáticas e narrativas que produzem nosso olhar sobre a vida e os currículos é uma pergunta e modo de vida que nos parece atrativo, interessante e necessário para dizer de algum modo que morremos no passado, que hoje não vão nos matar e que queremos adiar o fim do mundo. Fazer isso porque queremos fazer da vida, da educação e dos currículos como obra de arte, como estética da existência. Mas, talvez, para isso não haja uma linha evolutiva entre de um lado ou no passado esteja a crítica da normalidade e a celebração das resistências e de outro esse barulho, essa bagunça, essas torções.

Não há uma história linear, ela é feita de discontinuidades como nos ensina Foucault. Talvez a teoria *queer* seja assim também. Os retrocessos e os avanços da extrema direita sobre o território curricular e sobre a educação reiteram essa necessidade de reafirmar o que, durante muito tempo, já nos parecia o óbvio. Por isso mesmo, continuar retomando o *queer* como analítica do funcionamento das normas seja necessário, mas sem deixar de pensar nas

possibilidades imaginativas de constituir e pesquisar tantos outros objetos que baguncem, barulhem e estremeçam os campos epistemológicos e metodológicos.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA JUNIOR, W. N. **Palavras dissidentes**: a exposição ao HIV/aids no discurso de um blog de Barebacking Sex direcionado a homens que tem sexo com outros homens. 2017. 115 f. Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva) – Universidade Federal de São Paulo, São Paulo, 2017.

AMARAL, M. L. S. **Impulso sexual excessivo e comportamento barebackingem homens que fazem sexo com homens**. 2014. 99 f. Dissertação (Mestrado em Ciências) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

BUTLER, J. **Corpos em aliança e a política das ruas**: notas para uma teoria performativa de assembleia. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

COLLING, L. (org.). **Dissidências sexuais e de gênero**. Salvador: EDUFBA, 2016.

COUTO JUNIOR, D. R.; POCAHY, F. A. Dissidências epistemológicas à brasileira: uma cartografia das teorizações queer na pesquisa em educação. **Revista Inter-Ação**, Goiânia, v. 42, n. 3, p. 608-631, set./dez. 2017. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/interacao/article/view/48905>. Acesso em: 23 jun. 2022.

DEAN, T. **Unlimited intimacy**: reflection on the subculture of barebacking. London: The University of Chicago Press, 2009.

FELBERG, E. **Bareback**: reflexões sobre a normalização das condutas sexuais. 2011. 110 f. Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva) – Instituto de Medicina Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

FERRARI, A. Revisando o passado e construindo o presente: o movimento gay como espaço educativo. **Revista Brasileira de Educação**, p. 105-115, 2004.

FOUCAULT, M. **Ditos e escritos IV**: estratégia, poder-saber. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2015.

FOUCAULT, M. **Ditos e Escritos V**: Ética, Sexualidade, Política. Rio de Janeiro: Forense, 2017.

GRETEMAN A. J. Raw Education: PrEP and the Ethics of Updating Sexual Education. *In*: VARGHESE, R. (org.). **RAW**: PrEP, Pedagogy, and Politics of Barebacking. Canada: University of Regine Press, 2019.

HAIG, T. Bareback Sex: Masculinity, Silence, and the Dilemmas of Gay Health. **Canadian journal of Communication**, Montreal, v. 3 n. 1, p. 859-877, 2006.

HALPERIN, D. M. **What Do Gay Men Want?** An Essay on Sex, Risk, and Subjectivity. Ann Arbor: University of Michigan Press, 2007.

JESUS, J. G. As guerras de pensamento não ocorrerão nas universidades. *In*: COLLING, L. (org.). **Dissidências sexuais e de gênero**. Salvador: EDUFBA, 2016.

LARROSA, J. Tecnologias do Eu e Educação. *In*: SILVA, T. T. (org.). **O sujeito da educação: estudos foucaultianos**. 2 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

LOURO, G. L. **Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer**. Belo Horizonte: Autentica, 2004

MARZULLO, L.; COUTO, M.; RIOS, T. Parlamentares ferem leis e atacam comunidade LGBTQIAP+ com projetos feitos para virilizar nas redes sociais. **Portal Viu**, 2023. Disponível em: <https://www.portalviu.com.br/brasil/parlamentares-ferem-leis-e-atacam-comunidade-lgbtqiap>. Acesso em: 30 mar. 2023.

MILLER, J. Teorização do Currículo como antídoto contra a cultura da tes-tagem. **e-curriculum**, v. 12, n. 3, p. 2043-63, 2014.

MISKOLCI, R. A Teoria Queer e a Sociologia: o desafio de uma analítica da normalização. **Sociologias**, v. 11, n. 21, p. 150-182, 2009.

MISKOLCI, R. **Teoria Queer: um aprendizado pelas diferenças**. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

OLIVEIRA, D. A. **“Cavalgar sem sela”**: ensinamentos, demandas e incitações do currículo bareback em oposição às normas do uso do preservativo. 2021. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Minas Gerais, 2021.

OLIVEIRA, D. A.; FERRARI, A. “No meu tempo, [...] haveria um respeito ao sexo e ao gênero das pessoas”: Reiteraões das normas de gênero e da heteronormatividade no currículo escolar. **Revista Linhas. Florianópolis**, v. 22, n. 48, p. 194-220, 2021. Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/linhas/article/download/18098/12841/74138>. Acesso em: 23 jun. 2022.

PARAÍSO, M. A. Currículo e formação profissional em lazer. *In*: ISAYAMA, H. F. (org.). **Lazer em estudo: Currículo e Formação Profissional**. Campinas, SP: Papirus, 2010.

PARAÍSO, M. A. O currículo entre o que fizeram e o que queremos fazer de nós mesmos: efeitos das disputas entre conhecimentos e opiniões. **Revista e-curriculum**, v. 17, n. 4, p. 1414-1435, 2019. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/curriculum/article/view/45925>. Acesso em: 18 jun. 2022.

PAULA, P. S. R. **Barebacking sex: discursividades na mídia impressa brasileira e na internet**. 2009. 210 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.

PINAR, W. **Estudos curriculares: ensaios selecionados**. São Paulo: Cortez, 2016.

PRADO, V. M.; ALTMANN, H. Problematizações sobre acesso e permanência de estudantes LGBTQIA+ na universidade pública: apontamentos sobre produções acadêmicas. **Revista Brasileira de Política e Administração da Educação**, v. 39, n. 1, e118646, 2023. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/rbpa/article/view/118646/88122>. Acesso em: 20 jun. 2022.

PRINS, B.; MEIJER, I. C. Como os corpos se tornam matéria: entrevista com Judith Butler. **Revista Estudos Feministas**, v. 10, n. 1, p. 155–167, jan. 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/vy83qbL5HHNKdzQj7PXDdJt/?lang=pt>. Acesso em: 18 jun. 2022.

RANNIERY, T. Ecoar o Possível: do currículo queer a queerização da teoria de currículo. **Aceno. Revista de Antropologia do Centro-Oeste**, v. 9, n. 21, p. 27-44, 2022. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/aceno/article/view/13766>. Acesso em: 08 jun. 2022.

SANTOS, K. R. **Risco e Barebacking**: reflexões. 2018. 168 f. Tese (Doutorado em Ciências) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

SANTOS, L. Educação e pesquisa de práticas sexuais de risco (Barebacking sex). *In*: RIOS, L.; ALMEIDA, V.; PARKER, R.; PIMENTA, C.; TERTO JR, V. (org.). **Homossexualidade**: produção cultural, cidadania e saúde. Rio de Janeiro: ABIA, 2004.

SILVA, L. A. V. **Desejo à flor da tel@**: a relação entre risco e prazer nas práticas de barebacking. 2008. 197 f. Tese (Doutorado em Saúde Coletiva) – Instituto de Saúde Coletiva, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2008.

### ***CRediT Author Statement***

---

**Reconhecimentos:** Não aplicável.

**Financiamento:** Não aplicável.

**Conflitos de interesse:** Não há conflitos de interesse.

**Aprovação ética:** Por se tratar de um estudo de revisão de literatura, não houve necessidade de apreciação ética.

**Disponibilidade de dados e material:** Os dados e materiais utilizados no trabalho estão disponíveis para acesso, sob solicitação com justificativa pertinente e razoável.

**Contribuições dos autores:** Os autores/a autora foram responsáveis pela elaboração e execução da pesquisa, análise e discussão dos resultados, bem como pela redação e revisão final do texto.

---

**Processamento e editoração: Editora Ibero-Americana de Educação.**  
Revisão, formatação, normalização e tradução.

